



ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. 1ª ed. São Paulo, Tusquets Editores, 2019.

RESENHA CRÍTICA DA OBRA FORMAS DE VOLTAR PARA CASA DE ALEJANDRO ZAMBRA

*Raul Ignacio V. Arriagada*¹

Sumaré Centro Universitário

A literatura chilena contemporânea – rica e versátil – curiosamente não tem impactado tanto no Brasil como a argentina ou a espanhola, embora seja respeitada pela sua trajetória marcada por dois prêmios Nobel de Literatura: Gabriela Mistral e Pablo Neruda. Mas, fora do ambiente acadêmico, poucos autores são conhecidos. Talvez os nomes mais relevantes do grande público sejam os de Isabel Allende e Antonio Skármeta. Ambos autores tiveram obras adaptadas ao cinema, tornando-os conhecidos mundialmente: *A casa dos espíritos*, de Allende, foi levada ao cinema em 1993 por Bille August com um elenco estelar hollywoodiano e *O carteiro e o poeta* (1998), de Skármeta, foi adaptado ao cinema por Michael Radford e Massimo Troisi. Outros autores chilenos contemporâneos também tiveram obras expressivas lançadas em português, contudo não alcançaram a repercussão que tiveram em seu país de origem. Alguns exemplos: *Os detetives selvagens* (*Los detectives salvajes*) de Roberto Bolaño, *Baixo Astral* (*Mala onda*) de Alberto Fuguet, *A casa das mulheres tristes* (*El albergue de las mujeres tristes*) de Marcela Serrano e *Mãe que estás nos céus* (*Madre que estás em los cielos*) de Pablo Simonetti. Todos lançados no Brasil por diferentes editoras.

A poesia de Neruda segue sendo reeditada e celebrada no Brasil, contudo, os autores acima citados não conseguem ir além de lançamentos tímidos e tiragem limitada, ainda que com críticas positivas por parte de literatos e jornalistas especializados na área, à exceção, como citado, de Allende e Skármeta. Uma pena é o público brasileiro – sempre muito míope ao que acontece culturalmente na América Latina – que perde. Fuguet, só para citar um desses autores, é um dos representantes da nova literatura jovem que surgiu após a queda da ditadura militar de Pinochet em meados da década de 1980.

¹ Raul Ignacio V. Arriagada é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de S. Paulo. Atualmente é coordenador e professor de Literatura no curso de Letras do Centro Universitário Sumaré, São Paulo, SP.



Traduzido para várias línguas, Fuguet tem reconhecimento nos EUA onde já foi capa da prestigiada *Newsweek*. Além de escritor, é também roteirista e diretor de cinema. Merece destaque também a obra de Bolaño – chileno autor exilado na Espanha, seus contos e romances encontraram leitores entusiastas como a poetisa norte-americana Patti Smith e a crítica e escritora Susan Sontag.

Finalizando este preâmbulo, só mais um exemplo: a poesia, ou melhor, a anti-poesia de Nicanor Parra, um dos mais importantes poetas dos últimos anos da língua espanhola, respeitado no continente e galardoado com importantes prêmios literários, não conseguiu, no Brasil, ter o impacto e a influência que desempenhou na Espanha e no continente hispânico. No Brasil, uma antologia reunindo sua anti-poesia foi lançada em 2018 num esforço de divulgar um pouco da sua vasta obra lírica.

Recentemente outro autor chileno foi revelado ao público brasileiro, Alejandro Zambra. Suas obras foram apresentadas pela Tusquets Editores e seu último livro por aqui foi *Formas de voltar para casa* (2019). O lançamento ocorre quase nove anos depois de ser publicado no Chile. Mas esse período apenas reforça o conceito de que boas obras não envelhecem, pelo contrário, se mantêm vivas e atuais. E é o que acontece com este intrigante e belo romance.

Alejandro Zambra nasceu em 1975 e é, atualmente, um dos mais relevantes escritores chilenos tendo diversos ensaios e contos publicados em revistas especializadas como a *New Yorker* e a *Granta* (edição de 2011) – sendo considerado por esta como um dos melhores escritores em língua espanhola. A boa receptividade ajudou na publicação de seus romances *Múltipla escolha* e *Bonsai & A vida secreta das árvores* (2007).

Ter lançado três obras de Zambra é um ato de coragem da editora, e uma aposta na narrativa desse autor de escrita espanhola. Mas, o que o autor chileno tem a contar para que o leitor brasileiro possa se interessar? Em *Formas de voltar para casa* o que encontramos é uma escrita cativante e desafiadora com relação à forma e conteúdo, isto é, para um leitor atento e que gosta de se arriscar em narrativas ousadas do ponto de vista estrutural. Por exemplo, na obra não há uma narrativa linear tradicional, o autor desafia o leitor a preencher lacunas que não serão reveladas gratuitamente, mas as pistas estão aí, bem na sua frente.

O que chama a atenção em *Formas de voltar para casa* é uma certa aproximação com a obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, pois a exemplo desta, um dos recursos narrativos é a metalinguagem: o narrador ao mesmo tempo que narra uma história em primeira pessoa, pensa na construção da trama e seus personagens, levanta dúvidas e discerne sobre o ato de escrever: “Ao escrever nos comportamos como filhos únicos. Como se sempre tivéssemos sido



sozinhos. Às vezes odeio essa história, esse ofício do qual já não posso sair. Do qual não vou mais sair” (ZAMBRA, 2019, p. 76).

A metalinguagem é um recurso que quando não bem utilizado, pode selecionar o número de leitores, uma vez que não costuma atrair o grande público. Cabe ao escritor, então, tornar a metalinguagem um elemento cativante, isto é, que tal como uma figura de linguagem, seja utilizada para compreender a intensidade da trama ou a personalidade de uma personagem.

Diferentemente de Lispector, Zambra não dá nome ao seu narrador. Acompanhamos sua aventura e seu desenlace, mas não sabemos seu nome. É um recurso usado conscientemente pelo autor. Mas esse recurso é justificado pelo capítulo “Personagens secundários”. Segundo o autor, não é sua vida ou sua aventura que importa, mas sim a dos adultos; esses sim, personagens principais. Isto porque, ainda segundo ele, durante os anos de repressão, foram os adultos que foram mais impactados do que as crianças pelas regras impostas à sociedade. Eles – os adultos – protagonizaram o momento.

Zambra põe em cena um garoto narrador que, como ele, nasceu durante a ditadura militar (o golpe no Chile aconteceu em 11 de setembro de 1973). Este fato é importante, pois sendo criança durante a década de 1970 e parte dos 80, não tinha conhecimento das intrincadas relações dos adultos com o regime autoritário de Pinochet. Essas conexões vão bifurcar em dois grupos: os esquerdistas, perseguidos pelo regime; e os de direita, apoiadores do governo e numa economia de cunho mais liberal. Mas há um terceiro grupo que não deixa de ter sua importância: são os apáticos, isto é, parte da população que, ao aceitar passivamente a imposição do regime, foi conivente com o desaparecimento e morte dos opositores. Formam parte deste grupo os pais do narrador, e constitui fonte de desavenças entre eles. No romance, o narrador tem dois momentos: a infância, ao se envolver numa trama de espionagem; e como adulto, escritor e narrador que procura entender essas marcas deixadas pela ditadura numa nação dividida em pinochetistas e esquerdistas. O fato de os pais do narrador votarem em Piñera (no seu primeiro mandato), revela o conflito de gerações. Piñera ainda que não seja partidário de Pinochet abertamente, representa a direita conservadora – e, esta sim, apoiadora pinochetista.

Zambra constrói uma trama inteligente ao nos mostrar que as marcas da ditadura ainda não cicatrizaram e determinaram o destino de muitas famílias, como é o caso da personagem Cláudia. O narrador não tem desaparecidos ou mortos em sua família, mas é solidário com aqueles que perderam os seus. Um exemplo tocante ocorre na aula de História, quando carabineros – a PM chilena – procura ladrões escondidos no estacionamento da instituição e tiros são dados e escutados no interior da escola. Vítima de torturadores durante os



anos de repressão, o professor se joga embaixo da mesa e tem um ataque de histeria e são os alunos que o socorrem.

A narrativa de Zambra é tão atual que poderia ter como cenário outra cidade do continente como Montevideo, Buenos Aires ou São Paulo, todas elas com um passado de repressão nas décadas de setenta e oitenta do século passado. A atualidade do romance também se confirma com as manifestações ocorridas em 2019 e neste ano em Santiago – muitas delas violentas - que culminaram com a instauração de uma nova constituição elaborada por homens e mulheres, rompendo definitivamente com o legado da ditadura de Pinochet.

Um dos pontos pouco cativantes para o leitor brasileiro talvez seja o espaço: as “comunidades” de Santiago, isto é, bairros e municípios que circundam a capital chilena e formam o cenário onde transcorre a trama. Isto se deve ao fato de Santiago não ter conquistado ainda um status de cidade mundial, ou seja, cidades que, embora um leitor jamais tenha visitado pessoalmente, as conhece de reportagens, cinema, música ou outras referências, como Nova Iorque, Madri, Londres, Paris ou mesmo Rio de Janeiro. Mas, a força do texto faz com que esse cenário urbano não seja empecilho para se envolver.

Finalmente, há um romance que também permeia a história. É o amor, na verdade, o motor das aventuras do narrador: o amor que é idealizado na trama contada pelo narrador quando garoto; e amor ferido que se faz presente na realidade adulta e o faz questionar a construção da trama e o destino das personagens.

O livro se divide em quatro partes: em “Personagens secundários” e “A literatura dos filhos”, o narrador em primeira pessoa é o garoto que se torna uma espécie de espião amador por amor à Cláudia, uma garota que conhece numa noite de terremoto. Nesses dois capítulos, Zambra tece com habilidade uma elaborada trama que mistura com notável equilíbrio humor e tensão. A empatia com o garoto protagonista é imediata, ele é direto, objetivo e tem agudo senso de humor; e seu percurso pela cidade, citando ruas, avenidas, monumentos, templos e rotas de ônibus trazem um pouco de Holden Caulfield, o imortal personagem de Salinger em *O apanhador no campo de centeio*, clássico da literatura norte-americana do século XX, que vagueia por Nova Iorque ao ser expulso de sua escola e se envolve em situações divertidas. É esse garoto esperto, bem-humorado e audaz que prende o leitor, que o faz avançar nas páginas para conhecer o desenlace. Mas é justamente aí, nesse crescimento da expectativa, que o escritor muda o tom da trama e intercala essas partes com “A literatura dos pais” e “Estamos bem”. Nesses capítulos, entra a voz do escritor adulto que escreve sobre o garoto e entendemos então que o texto que tanto nos envolveu, está em construção. O escritor, que como já foi dito, não tem nome, escreve como se fosse em um diário, as suas dúvidas para dar seguimento à trama e, ao mesmo tempo, escreve suas incertezas pessoais referentes à vida amorosa e sua relação com os pais.



O que poderia parecer aborrecido, uma vez que o leitor quer saber o que acontece com o garoto da primeira parte do livro, se revela interessante ao nos mostrar que o agora, isto é, o tempo presente do escritor, tem a ver com a trama desenvolvida na infância. Na verdade, e isto que torna o livro excepcional, é que as duas narrativas dialogam entre si e o recurso da metalinguagem completa as ideias do escritor.

A ideia de Alejandro Zambra de mesclar romance, os traumas da ditadura e crítica à sociedade chilena, não é nova. Alberto Fuguet já escreveu sobre o tema também em *Mala Onda* (1991), mas o que o Zambra traz de inovador é a estrutura de sua trama, que ao mesmo tempo em que nos narra uma aventura, o autor celebra o ato escrever: “É tarde. Escrevo. [...] E neste ofício estranho, humilde e altivo, necessário e insuficiente: passar a vida olhando, escrevendo” (ZAMBRA, 2019, p.151). Mauro Gaspar expressou com acerto que uma das características da narrativa de Zambra: “É uma certa falta de pressa, um texto que não se impõe ao leitor pelo volume ou altura da voz, mas pelo espaço, pela brecha, pela lacuna, pelo silêncio e pela pausa, como se fosse um convite a uma meditação sobre o que flui – memórias, inventos, quedas tranquilas [...]” (GASPAR, 2017, p.13).

Que novas obras suas possam aportar no Brasil mostrando o vigor da literatura chilena contemporânea!



Referências:

ALLENDE, Isabel. *La casa de los espíritus*. Barcelona: Debolsillo/Mondadori, 2012.

BOLAÑO, Roberto. *Los detectives salvajes*. Barcelona: Anagrama, 2007.

FUGUET, Alberto. *Mala onda*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1996.

GASPAR, Mauro. “Música do declínio, sons do poente” in VOLPATO, Cadão. *Os discos do crepúsculo*. Rio de Janeiro: Numa, 2017. p.12-13

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. Trad. Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster. Rio de Janeiro: Editora do Autor, s/d.

SKÁRMETA, Antonio. *El cartero de Neruda*. Barcelona: Plaza & Janés, 2002.

ZAMBRA, Alejandro. *Formas de voltar para casa*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Tusquets, 2019.

_____ *Bonsai & A vida privada das árvores*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Tusquets, 2018.

_____ “Jeitos de voltar para casa” Trad. Ivone C. Benedetti in *GRANTA 7, Os melhores jovens escritores em espanhol*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2011. p. 291.

Recebido em: 12/11/2020
Aprovado em: 17/12/2020